

(RE) TERRITORIALIZAÇÃO E SUAS RELAÇÕES COM OS SUJEITOS*

BELON, Vinicius Paschoal**

Introdução

Ao longo da história da humanidade algumas transformações espaciais relacionadas à ocupação se deram de maneira significativa. Desde os primórdios o homem realiza migrações na superfície terrestre, no entanto, nos últimos séculos, isto vem se intensificando devido a diversas causas, entre elas, pode-se apontar algumas que se destacam como as migrações devido a guerras, as perseguições religiosas, os problemas naturais, os fatores econômicos, como as barragens, as perseguições políticas e tantos outros. Mas deve ser ressaltado que cada um desses fatores traz consequências para aqueles que são forçados a se mudarem de seu habitat de origem, ou que estão instalados em determinadas áreas, provocando um choque no seu modo de vida, forçando uma readaptação, um novo enraizamento.

Diante disso, a inundação de uma significativa área decorrente dos represamentos ao longo do rio Paraná no trecho entre as Usinas Sergio Mota (Porto Primavera) e a de Souza Dias (Jupia) trouxe diversos problemas para algumas comunidades ribeirinhas, entre elas, estão inseridos os pescadores, os moradores de Ilha Comprida, e até mesmo os que viviam da atividade oleira nas margens do rio. De todos estes grupos nos chamou a atenção os ex-habitantes da Ilha. As famílias que habitavam aquela ilha tiveram que se mudar, pois era uma área considerada de risco. Tínhamos naquele local, camponeses e pescadores. Diante disto como fazer para abrigar estes sujeitos em áreas que pudessem contemplar a todos, tendo em vista que o primeiro grupo mantinha seus laços com o rio, enquanto que o segundo necessitava da terra. Por isso, acreditamos que uma investigação sobre o tema se faz necessária, pois uma nova (re)territorialização pode trazer impactos consideráveis na vida dos que estão envolvidos no processo.

Por meio de relatos orais dos ex-moradores da Ilha e de pesquisas bibliográficas, buscar-se-á uma melhor assimilação do valor do ambiente, do território, para as práticas cotidianas, assim como entender a influência da mobilidade espacial no seu modo de vida.

* Este artigo surgiu a partir de pesquisas realizadas para conclusão da pós-graduação lato sensu, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, curso de História.

** Graduado em Geografia, especialista em História, e mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e-mail vinibelon@gmail.com.

A Escrita da História Contemporânea e suas Novas Fontes

Uma vertente fundamental dentro da historiografia está voltada para a escrita da História contemporânea, pois no tempo em que o pesquisador vive uma enorme quantidade de acontecimentos, decorrentes das transformações na sociedade, podem ocorrer e isto a torna encantadora. Assim, além de ter a perspectiva de escrever sobre o tempo passado, em que o historiador muitas vezes já conhece suas consequências, pode-se também escrever a história do presente. Neste sentido, há que se ter algumas preocupações como a classificação e os métodos a serem adotados:

o imediatismo do trabalho histórico diante da história a acontecer, do fato, a presença ainda prenhe dos fatos no que chamamos de história imediata, de história próxima ou de história do presente, colocam numerosos problemas metodológicos, epistemológicos e, em certos aspectos, deontológicos. (TÉTART, 1999, p.7)

Isso faz desta nova abordagem motivo de reflexão, uma vez que o pesquisador desconhece o desenrolar dos fatos futuros, e não possui uma significativa quantidade de documentos escritos. Ao mesmo tempo em que pode ser uma preocupação, pode ser também esta a causa do fascínio pela História do Tempo Presente. Porém, esta nova perspectiva vem sendo trabalhada por historiadores ao longo do século XX, a partir da escola do *Annales*, com Pierre Nora e Jacques Le Goff, no entanto, este último ainda “afirmava que a história do presente é frequentemente melhor feita pelos sociólogos, politólogos, alguns grandes jornalistas, do que pelos historiadores”. (TÉTART 1999, p. 9)

Tendo em vista que a história não é apenas o estudo do passado, pode ser também, com eficiência, um estudo do presente, desde que possam ser desenvolvidos métodos e fontes adequados.

Antes de entrar na discussão das fontes e dos métodos, trataremos de buscar uma melhor definição do termo história do imediato a ser utilizado no trato das questões contemporâneas.

Em relação à nomenclatura história do imediato, existe uma discordância no emprego deste termo. Pois nos parece um paradoxo, como podemos ter história neste caso, sendo que o termo imediato nos faz pensar em rápido, instantâneo, sendo necessária uma compreensão mais abrangente para assimilação dos fatos. Por isso, este termo *história imediata* pode ser mais adotado para questões jornalísticas do que de fato ao historiador. Entretanto: “apesar de sua imperfeição, de sua inexatidão virtual, a história imediata tem uma função social. Ela é complemento da História do presente. Ambas formam um todo”. (TÉTART, 1999, p. 11) Quando falamos em História Próxima, ou História do Presente, os questionamentos são menos calorosos, mas ainda a locução mais adotada é a História do

Presente, e o valor científico desta história é menos questionado. “Antes de ser analista, o historiador é homem, cidadão, ator ou espectador, e há alguns anos, tanto em seus escritos como em seus cursos, ele reivindica ou reconhece cada vez mais seu próprio pertencimento à História”. (TÉTART, 1999, p.13) Nesta afirmação do autor podemos encontrar vestígios do forte interesse pelo estudo do presente.

Pôr em questão a história do presente não é antes de tudo louvar sua capacidade explicativa. Não é defender e ilustrar uma nova maneira de história, é ao contrário observá-la e pô-la em dúvida para melhor conhecer seu funcionamento e assegurar-se de sua validade – de sua capacidade heurística. (1999, p. 37)

Neste sentido, para que possamos entender melhor o desenrolar da história do presente, necessitamos entender como ela está sendo realizada e ainda, quais são suas vertentes, e para isso recorreremos à outra autora.

Para Malatian (1996), à escola norte americana, especificamente a de Chicago, se destacou nos estudos e na contribuição da elaboração da História Oral, pois está era muito utilizada em outros campos do conhecimento, como na sociologia e antropologia. Procurando voltar-se ao povo comum, tentou-se criar uma história alternativa, voltada para os chamados excluídos; com intuito de fazer uma história mais democrática; que deveria se abrir não apenas para a elite, mas também para uma história social, fazendo uma história militante, na qual não se afirmava uma história neutra, pois esta neutralidade passou a ser questionada, e apontada como a versão destinada a consagrar a dominação. Por isso, o campo principal da História Oral passou a ser a História Social.

A pesquisa científica segundo Oliveira (2001), exige a utilização de métodos e fontes, para que o pesquisador possa de fato seguir um caminho coerente, que o leve a compreensão de seu objeto de pesquisa. Por isso alguns instrumentos foram criados para que seus objetivos sejam atingidos.

Estes instrumentos foram criados a partir do século XVI e XVII sendo valorizados pelo pensamento racional, na perspectiva de conhecer o mundo pela utilização da razão, mas não tinha o intuito de apenas conhecer o mundo, mas transformá-lo também.

Assim, de acordo com Oliveira:

Cuidou-se, então de construir meios confiáveis para observar, para promover experimentos, bem como para elaborar hipóteses e princípios. O desenvolvimento destes instrumentos foi concomitante aos das técnicas, postulava-se afinal uma ciência de intervenção, que fosse atuante na prática e que estivesse, a um só tempo, sintonizada com a expansão capitalista e com o aumento da capacidade produtiva. Ordenar as coisas, sistematizá-las, identificar unidade e diversidade, mensurar, decompor o todo em partes, analisar – eis resumidamente a empreitada que se queria consolidar. (1998, p.22)

Porém, a metodologia pode e deve ser abordada de maneira diferente pelas áreas de conhecimento, no caso das ciências humanas a preocupação em estabelecer e adotar métodos confiáveis se explica na frase de Oliveira, “No caso das ciências humanas, porém, um paradoxo se interpõe: Afinal é do homem que se trata. Isto quer dizer que o homem se torna ao mesmo tempo sujeito e objeto na investigação científica” (1998, p.23).

Neste sentido o pesquisador não está neutro no processo, imprimindo seu modo de conceber a realidade, e às vezes interpretando-a de maneira tendenciosa. Por isso quando cientistas da área de humanas se envolvem na pesquisa de determinado objeto, deve haver a preocupação com a leitura da realidade, pois esta pode até mesmo descaracterizar a “verdade” contida em suas fontes.

Desse modo, a pesquisa referente a comunidades minoritárias que estão inseridas no processo capitalista, mesmo que de forma precária, deve contar com a preocupação referente aos caminhos a serem seguidos para uma melhor relação dos acontecimentos locais que são influenciados pelos regionais, nacionais e mundiais.

Por isso,

O estudo de metodologia em ciências humanas necessitaria cuidados especiais para zelar para que homens concretos, sujeitos e objetos de suas indagações, não fossem, mutilados ou, então, não se tornassem objetos mortos nas mãos de cientistas dispostos a fazer da ciência outro poderoso instrumento de dominação. (OLIVEIRA, 2001, p.24).

Tendo em vista as abordagens decorrentes da nova perspectiva historiográfica, é necessária a compreensão dos métodos e das fontes utilizadas na construção do saber histórico. Por isso uma discussão pertinente está em torno da História Oral, ou das fontes orais, indicada como um caminho importante a ser percorrido, buscando, desta forma, despertar e estimular a memória dos indivíduos para que se faça um exercício de reflexão, cujo sentido seria ouvir as partes integrantes da coletividade, com suas experiências e consciências, as quais podem dar a idéia da história e de suas conseqüências para os indivíduos nela envolvidos, pois muitos grupos sociais minoritários não possuíam documentos oficiais. Então, desta forma, uma fonte importante de pesquisa se concentra nas histórias relatadas por pessoas que viveram ou vivenciaram os fatos marcantes desta Nova História.

A História Oral, como metodologia, surge então como fator de destaque no modo de pensar e entender a relação entre presente e passado. Com sua utilização é possível compreender a postura dos indivíduos que viveram e vivenciaram os fatos diante deles, com suas emoções e sentimentos, e isto é fascinante na medida em que o historiador pode realmente perceber o valor dos fatos para quem pode presenciá-los: “Esse fascínio do vivido é

sem dúvida em grande parte responsável pelo sucesso que a história oral tem alcançado nestes últimos anos” (ALBERTI, 2004, p. 15).

E, ouvindo-o falar, temos a sensação de ouvir a história sendo contada em um contínuo, temos a sensação de que as discontinuidades são abolidas e recheadas com ingredientes pessoais: emoções, reações, observações, idiossincrasias, relatos pitorescos. (ALBERTI, 2004, p. 14)

No entanto, deve haver uma compreensão do tempo vivido e do concebido, levando em consideração que o fato concebido pelos indivíduos pode representar seu ponto de vista, que é motivado por sua experiência e consciência, porém, nem sempre é como os fatos realmente aconteceram.

O que diferencia, de fato, esta nova perspectiva da historiografia, pode ser encontrado nos escritos de Portelli, que afirma:

Os documentos escritos são fixos; eles existem tenhamos ou não ciência deles, e não mudam uma vez que tenhamos encontrado. Testemunho oral é apenas um recurso potencial até que as pesquisas o chamem para a existência. A condição para a existência da fonte escrita é a emissão, para as fontes orais é a transmissão (1997, p. 05).

Porém algumas reflexões acerca destas fontes devem ser feitas. Destacam-se os métodos de aplicação e também a interferência do entrevistador/pesquisador nos relatos de seus sujeitos de pesquisa, uma vez que geralmente a pesquisa envolve fatos que estão reservados à memória do entrevistado, passível de alteração ou distorção, cabendo ao historiador tecer um traço daquilo que ocorreu e daquilo que é apenas recriação da memória do sujeito entrevistado. Contudo, isto não tem se mostrado um empecilho para a sua utilização, devido à variedade de possibilidades criadas pelos relatos coletados; Fontes orais “conta-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e que agora pensa que fez” (PORTELLI, 1997, p.01).

Esta nova abordagem de investigação é realizada por meio de entrevistas. O pesquisador munido de perguntas com conhecimentos prévios, coerentes e flexíveis faz despertar as histórias que podem estar na memória dos indivíduos. Porém, com todas estas novas abordagens é necessário observar que alguns problemas podem surgir, gerando discussões. No caso das entrevistas, Burke ressalva: “O problema da influência do historiador-entrevistador e da situação da entrevista tem sido discutido”. (1992, p. 26)

Estes objetos de análise são fundamentais nesta nova forma de escrever a história das comunidades “esquecidas” ou deixadas à margem da historiografia oficial. Pois, na falta de documentos oficiais e com a riqueza das análises orais, se torna relevante para “preencher lacunas” e chegar a pontos comuns do processo histórico, o que se dá por meio das novas

abordagens. Lembrando que o historiador tem a função de resgatar os acontecimentos de forma responsável:

Em última instância, buscam cumprir uma função social de especial relevância: fazer do saber histórico tanto fundamento do conhecimento do passado, como da projeção para o futuro e, além disso, empenhar-se para impedir que o consumo diuturno do esquecimento e da perda da identidade se constitua no signo maior da modernidade. (NEVES, 1999, p.115).

Algumas preocupações surgem quando a metodologia utilizada para a pesquisa é com fontes orais, isto se dá por causa da recém utilização destas fontes; outra preocupação que surge é em relação à diferença entre História oral e fontes orais. “A história oral consiste na gravação de entrevistas de caráter histórico e documental com atores e/ou testemunhas de acontecimentos, conjunturas, movimentos, instituições e modos de vida da história contemporânea”. (ALBERTI, 2004, p. 77)

Estas entrevistas dão base para que possamos conhecer o passado por meio destes relatos, analisando atenciosamente as diversas versões encontradas:

Essa circunstância leva, contudo, a uma curiosa conclusão: à medida que a ênfase sobre a “história de baixo” acaba vinculando à noção de “povos sem escrita”, a história oral torna-se uma compensação para a incapacidade daqueles grupos de escreverem sobre si mesmos. Assim, um argumento que inicialmente, reclamava maior importância para os de “baixo”, corre o risco de acabar reforçando, ainda que indiretamente, o preconceito em relação a eles: eles não são capazes de deixar registros escritos sobre si mesmos. (ALBERTI, 2004, p.47)

A preocupação é ainda maior em pesquisas realizadas em comunidades onde a taxa de analfabetismo é alta, e a oralidade se torna mais presente.

Território e Territorialidades

Na metade do século XX o processo de industrialização no Brasil se acentuou, porém para que isso ocorresse de forma plena, o governo brasileiro investiu maciçamente em infra-estrutura¹. Dentre os investimentos necessários, as construções de Usinas Hidrelétricas se destacam, pois o grande potencial hidráulico brasileiro favoreceu a geração de energia a partir dessa matriz, que é considerada uma fonte limpa por não emitir poluentes na atmosfera, uma vez que não exige combustão para obtenção de energia; mas provoca impacto sócio-ambiental por inundar extensas áreas.

¹ “O uso do território pode ser definido pela implantação de infra-estrutura, para aos quais estamos igualmente utilizando a denominação *sistemas de engenharia*, mas também pelo dinamismo da economia e da sociedade”. (SANTOS, 2005, p. 21)

A ação humana na superfície terrestre transforma o meio ambiente, tornando-o complexo, imprimindo diferentes formas espaciais articuladas, sobrepondo a natureza primitiva. Na descrição de Corrêa (2005), meio ambiente pode ser dado a partir da integração de três aspectos: o primeiro dado pelas materialidades sociais (objetos fixos); o segundo, o conjunto de ações (fluxos de pessoas, mercadorias, informações); e, o terceiro constituído pelas relações sociais em que o homem é produtor e usuário do espaço, sendo algoz e vítima de suas ações. Logo, o estudo das espacialidades, da distribuição dos diferentes meios ambientes na superfície terrestre é importante, pois cada lugar apresenta um reflexo social e ao mesmo tempo é condicionante social, e numa sociedade de classes tende a ser desigual.

Daí surge a preocupação com as comunidades que tiveram que se deslocar de suas áreas de origem, e as que possivelmente terão; e isso deve ser repensado, haja vista que o atual estágio de globalização traz no seu bojo novas formas de se pensar o território e seu papel para a vida daqueles que o habitam. Partiremos do conceito dado por Santos (2005), quando este afirma, “Por território entende-se geralmente a extensão apropriada e usada”. (p.19)

Encontramos outra definição importante nas palavras de Porto - Gonçalves (2006), quando afirma que “o território é uma categoria analítica que nos remete à inscrição da sociedade na natureza e, assim, nos obriga a considerar as relações sociais e de poder que estão imbricadas na relação das sociedades com a natureza”. (p. 38)

Outra direção importante para compreender melhor o significado do território é apontada por Haesbaert (2006) em que ele pontua que o território pode ser visto a partir de três vertentes distintas: a política, a cultural e a econômica. O pesquisador adotará uma vertente de acordo com sua posição ideológica. Desta forma, diferentes abordagens são utilizadas para compreender e explicar a maneira de se estudar o espaço da ação humana.

Ademais, outros conceitos surgem a partir do território. Podemos destacar territorialidades, territorialização, reterritorialização e desterritorialização. Grande parte desses temas está ligada à mobilidade das populações impactadas por alterações no meio natural.

Há múltiplas territorialidades redefinindo suas estratégias nesse contexto de crise do período de globalização neoliberal, e os deslocamentos da população são uma das suas maiores evidências com efeitos ambientais em si mesmos. Afinal, o território é o encontro da sociedade com a natureza e, assim, os deslocamentos de populações no espaço são expressões do reordenamento territorial (ambiental) e, portanto, da relação populações-recursos. (PORTO-GONÇALVES, 2006, p.201)

Ainda segundo Porto - Gonçalves ,

O número de desterritorializados (refugiados, migrantes clandestinos, *desplazados*²) aumenta em todo mundo e, lamentavelmente, a paisagem com acampamentos começa a se tornar comum. No fundo, temos o conflito aberto pela conquista de territórios, enfim, pela disputa por recursos como energia e minerais considerados vitais (água e biodiversidade incluídos), enquanto que para maioria da população trata-se de buscar terra para plantar, de um espaço para construir uma casa para morar, de água para beber, de emprego para viver. (2006, p.202)

A consideração dos diversos conceitos possibilita um entendimento da realidade local dos sujeitos pesquisados, pois muitos termos estão intimamente relacionados ou até mesmo são consequências uns dos outros, como cita Haesbaert, ao afirmar que a “desterritorialização nunca aparece dissociada de sua contraparte, a territorialização”. (2006, p. 258)

Territorialização também pode ser vista, ainda hoje, para alguns grupos como agricultores pobres de nação indígenas expropriadas, como a busca de terra agricultável ou que disponha dos recursos mínimos requeridos à sobrevivência do grupo. Muitos migrantes estão justamente nesta condição. Migram para encontrar terras que possam utilizar (dimensão econômico-funcional do território) e através das quais possam reconstruir ou manifestar sua identidade cultural (dimensão simbólica ou expressiva do território). Grupos atingidos por barragens e obrigados a migrar para novos sítios também enfrentam este tipo de desterritorialização. (HAESBAERT, 2006, p. 247-248)

Assim, os reassentados do projeto Piaba estão passando por transformações em seu modo de viver, devido ao apego as características naturais da antiga área habitada, e isso nos instiga na busca por entender como estão reagindo a estas novas estruturas territoriais.

Breve Histórico da implantação das Barragem de Porto Primavera

Segundo Bezerra (2007), o programa de construção da Usina Hidrelétrica de Porto Primavera, no rio Paraná, teve início no final dos anos de 1970 e foi norteado por determinantes provenientes de uma política desenvolvimentista cujo principal objetivo era a integração econômica da região à dinâmica do restante da economia nacional, propósito substanciado por meio da implantação e melhoria dos serviços, equipamentos e infra-estrutura regionais.

A área de terras e benfeitorias declarada como necessária para a formação do reservatório da Usina Hidrelétrica Porto Primavera perfaz um total de 240.893.22 hectares, e abrange terras de 16 municípios e demais Ilhas do rio Paraná, sendo cinco destes municípios do lado sul-mato-grossense. Depois de um longo período de paralisação e de um aumento

² A expressão *desplazado* em espanhol tem um sentido forte, sendo mais que deslocado que, como vimos, já é forte em si mesma. É que *plaza* é como *polis* para os gregos, é a condição da cidadania e, assim, ser *desplazado* é mais que sair de um lugar – é perder a condição de ser cidadão. (PORTO-GONÇALVES, p. 203, 2006).

considerável de seus custos a UHE Porto Primavera, atualmente (re) inaugurada como UHE Sérgio Motta, foi efetivada.

Este empreendimento trouxe mudanças significativas à Montante da Usina, e um dos municípios mais impactados foi o de Três Lagoas-MS. A nova (des)configuração espacial impôs outras perspectivas para alguns grupos, principalmente para os ribeirinhos de Ilha Comprida, fruto de uma mudança radical na estrutura produtiva e dos impactos causados pela construção de Barragens Hidroelétricas no curso do rio Paraná. Partimos do pressuposto que as conseqüências decorrentes do represamento de alguns trechos do rio e a alteração de sua dinâmica natural foram preponderantes para acentuar as transformações na vida dessas famílias.

Todavia, os ribeirinhos mesmo encontrando dificuldades de permanecer na Ilha Comprida lá sobreviviam em meio às enchentes, porém no final na década de 1990 foram retirados do local, postos em outro lugar; logo o que se busca saber é como eles estão e o que mudou no seu modo de vida, uma vez que no passado a vida estava totalmente voltada à relação com o rio. Destaca-se que o deslocamento destas famílias acaba por impor a construção de outro modelo de relacionamento com o meio que se expressa na criação de seus próprios recursos para substituir aquilo que a própria natureza não oferece mais de forma significativa, por uma série de motivos, mas principalmente pelas transformações do meio natural com a construção das UHE. E como ensina Santos:

O meio natural era aquela fase da história na qual o homem escolhia da natureza aquilo que considerava fundamental ao exercício da vida e valorizava diferentemente essas considerações naturais, nas quais, sem grandes modificações, constituíam a base material da existência do grupo (1994, p.35).

Podemos entender o período em que vivemos, que segundo Santos (1994) é considerado o período técnico-científico-informacional, como aquele em que toda produção depende do atrelamento das forças produtivas.

Logo, a questão é entender como uma comunidade que sempre dependeu de maneira direta do rio para sobreviver pode superar a ausência desta condição de sobrevivência causada por alguns grupos sociais que buscam o “progresso”, sem pensar em suas conseqüências. Desta forma, é importante analisar como estes ribeirinhos estão vivendo em seu novo habitat, sendo que, na área de origem, de modo geral, trabalhavam como empregados em ocupações de baixa qualificação e remuneração, como diaristas, retireiros, caseiros, entre outras, tratando-se em grande parte dos casos de experiências de trabalho e não de administração das atividades.

Da Ilha Comprida para o Reassentamento

A partir das análises descritas acima cabe ressaltar a importância da mobilidade humana causadas por impactos no ambiente natural.

Procuramos analisar as condições em que se encontram os ex-moradores de Ilha Comprida, considerados na pesquisa como migrantes expulsos pelas exigências econômicas da sociedade urbano-industrial. Muitos destes sujeitos ocupavam a Ilha há algumas décadas e foram forçados a se retirarem do local, tendo que se mudar para uma área com características distintas das que estavam acostumados. Porém, esta mudança não ocorreu de maneira passiva à imposição dos agentes externos, no caso em apreço a CESP.

Pode-se constatar por meio da análise das entrevistas realizadas no fim da década de 1990, que muitos resistiam às transformações em curso, temendo uma perda de qualidade de vida, preservando um enfrentamento. Como é possível perceber no depoimento do seu Alfredo³.

Faz mais de dez anos que a gente sabe que vai ser desapropriado [pausa]. O povo fica meio doido, eu já falei que eu não vou mais atrás disso, se eles quiserem me tirar vão ter que vir aqui, mas mesmo vindo aqui eu vou dar muito trabalho pra eles ainda, a não ser que eles me tirem na marra[...].

As primeiras famílias a se mudarem da Ilha por conta do reassentamento datam de 1983, já o segundo grupo saiu apenas no fim dos anos 1990, e tiveram dois destinos distintos. O primeiro grupo se dividiu, alguns foram para Castilho e outros para onde atualmente chamamos de Jupia. Já o segundo grupo era formado por pescadores e trabalhadores rurais. Então os que eram pescadores não seguiram até o reassentamento alegando que não queriam ir para lá, pois não tinham laços com a terra, e desta forma teriam sua sobrevivência prejudicada. Só seguiu até o reassentamento as famílias que dependiam da terra e não realizavam a pesca como fonte de sobrevivência.

A ocupação da Ilha mudou de maneira significativa após a primeira saída de moradores, pois até então existia o predomínio das pequenas propriedades, com um contingente razoável de moradores, e quando as primeiras famílias começaram a sair à

³ Ribeirinho morador de Ilha Comprida/MS. Entrevista realizada no dia 30/10/1999. PROJETO: IMPACTOS SOCIAIS EM POPULAÇÕES ATINGIDAS POR BARRAGENS: UM ESTUDO DE CASO DOS RIBEIRINHOS DE ILHA CUMPRIDA (TRÊS LAGOAS – MS), Transcrição: Ednéia dos Santos Silva.

estrutura da distribuição de terras se alterou, começou a haver uma concentração, e assim diminuiu o número de propriedades. Grande parte desta área foi adquirida por fazendeiros, que acabaram por contratar as famílias que habitavam o local para trabalhar em suas terras.

Eu vim de Andradina [estado de São Paulo] com dois anos, já está com 25 anos que eu estou aqui [Ilha Comprida/MS]. Já está com 25 anos que eu vim morar nesta região. É uma vida inteira aqui. Quando eu cheguei aqui eu era molequinho, quando eu mudei pra cá ainda funcionava aquela balsa que atravessava carro, caminhão, para cá. Quando mudei era tudo colônia, de 1983 para cá é que foi acabando tudo, conforme as enchentes... [silêncio]. Em 83 foi onde praticamente acabou tudo, a maioria do povo desistiu e foi embora, foi onde pode se dizer que acabou mesmo. Não é que nem dizer que a gente entrou ontem aqui, bem dizer a gente viu essa Ilha crescer e viu ela acabar também. Saiu quase todo mundo e os fazendeiros foram comprando os sítios de quem foi deixando para trás, foi virando tudo fazenda. Aqui viveu muita gente. Antes isso aqui era uma casa em cima da outra, a cada 500 metros tinha uma casa com família, isso aqui era um movimento muito grande e aí conforme vieram as enchentes da barragem, foi acabando com tudo, agora só resta mesmo os fazendeiros, porque sitiante aqui resta muito pouco, agora é só fazendeiro. Sidney⁴

Portanto, ao longo da década de 1980 houve uma diminuição drástica do número de moradores da Ilha em virtude da insegurança com as inundações e o projeto de construção da UHE. Entre aqueles que lá ficaram surgiu o descontentamento em permanecer vendendo sua força de trabalho aos fazendeiros que compraram os sítios dos que migraram, como no caso de Dona Maria⁵ que há muito tempo era moradora da Ilha e sofreu na pele as consequências das inundações e da exploração do seu trabalho.

A gente gosta do lugar, já se acostumou, 25 anos já deu pra se acostumar demais, né? E sofrer demais também [pausa]. Trabalha, trabalha, trabalha, mais está no que é dos outros. Pobre sempre tá sofrendo mesmo, né? Muito sacrifício a gente já passou aqui, essa indenização é uma benção, gostaria de sair o mais rápido possível, sairia mesmo. É assim filha, a vida é só sofrimento. De muita bondade eu não tenho muita coisa pra contar não, né? [...] Foi triste a vida da gente aqui, que a gente trabalha todo o tempo para o fazendeiro e a gente acaba saindo por ruim. É isso aí, trabalhar para fazendeiro é só sofrimento, você não consegue nada na vida a não ser um bocado pra comer. Assim foi a nossa vida esses 20 e poucos anos aqui dentro, muito sofrimento, muita luta mesmo. A gente acostuma, eu até tenho dó de sair daqui, que eu acostumei parece que a minha vida ficou aqui dentro dessa ilha, né? Porque uma parte da minha vida eu vivi aqui dentro, né? Mais dizer que foi fácil não foi não, foi difícil [...].

⁴ Ribeirinho morador de Ilha Comprida/MS. Entrevista realizada no dia 30/10/1999 PROJETO: IMPACTOS SOCIAIS EM POPULAÇÕES ATINGIDAS POR BARRAGENS: UM ESTUDO DE CASO DOS RIBEIRINHOS DE ILHA CUMPRIDA (TRÊS LAGOAS – MS)

⁵Ribeirinha moradora de Ilha Comprida/MS. Entrevista realizada no dia 30/10/1999. PROJETO: IMPACTOS SOCIAIS EM POPULAÇÕES ATINGIDAS POR BARRAGENS: UM ESTUDO DE CASO DOS RIBEIRINHOS DE ILHA CUMPRIDA (TRÊS LAGOAS – MS)

É necessário ressaltar que os ex-moradores da Ilha viviam basicamente de duas ocupações: a pesca e a prestação de serviços para os proprietários das terras. O primeiro grupo aqui classificado como pescadores e o segundo por trabalhadores rurais.

Após o início do diálogo entre a CESP e os ex-moradores da Ilha, foi constatado que os interesses desses grupos eram distintos, pois o primeiro dependia diretamente do rio para sobreviver e se tivessem que deixar a Ilha teria que ser para um local próximo dali onde pudessem continuar exercendo seu ofício. Já o segundo dependia da Terra, podendo ser relocado para um lugar longe do rio, mas que tivesse condições de utilizar a terra como meio de sobrevivência.

Devido às dificuldades em permanecer próximos ao rio, os pescadores acabaram não aceitando a doação de um lote no reassentamento, justificando que seria uma mudança radical na sua forma de sobreviver, trazendo dificuldades de adaptação.

No entanto, acreditamos que o segundo grupo saiu beneficiado em relação às mudanças ocasionadas pelas transformações, pois acabaram recebendo lotes em uma fazenda adquirida pela empresa responsável.

A partir daí, os sujeitos que habitavam a Ilha foram realocados para um reassentamento, em uma fazenda chamada Piaba, sendo este um projeto de compensação. Atualmente, o Reassentamento Piaba é constituído por 17 famílias, provenientes de Ilha Cumprida.

A Fazenda Buriti, localizada no município de Três Lagoas (MS), aproximadamente 50 km da cidade, foi adquirida em 1999 para reassentar as famílias impactadas, e enquadradas no subprograma de reassentamento rural coletivo, do município de Três Lagoas (MS). Após a chegada dos novos moradores passou a se chamar reassentamento Piaba, devido a uma pequena estação ferroviária que se localizava próximo dali, e também por estar relativamente perto do córrego da Piaba.

Esta área escolhida para ser o novo local de moradia e trabalho do grupo que vivia da agricultura e da pecuária não foi feita de maneira aleatória. A partir de relatos podemos observar que os próprios moradores da Ilha puderam escolher o lugar a ser habitado.

Aqui foi assim, quando a CESP comunicô nós que tinha que saí por causa da barragem ai, eles deu condução e mandou nós corre atrás de uma área pra eles compra pra nós né pro assentamento, ai assim nós fez, saimo ai em três lagoas peguemo uns corretor lá, e fumo anda nas fazendas ai e nós que correu atrás, que achamo o lugar, que nós gostaria que vim, ai o dia que nós veio nessa daqui memo, nós andemo numas 5 fazendas, num

dia só, só nossa turma, nada de vim ninguém da CESP junto, ela deu a condução e nós pegamos os corretores e viemos, aí o povo viu aqui gosto daqui. (CÍCERO⁶).

De início foram para o reassentamento conscientes da área que iriam ocupar; de certa forma isso os deixou satisfeitos, segundo o relato do Sr. Cícero.

Alguns descrevem que de fato suas vidas melhoraram quando eles deixaram a condição de empregados, diaristas, para passar a possuir seu próprio sítio, podendo melhorar a qualidade de vida. Neste sentido, quando indagamos ao morador do reassentamento se a vida melhorou, ele respondeu:

“Para mim eu acho que melhorou muito, por que lá eu era empregado, funcionário dos outros, tinha que plantar roça na propriedade dos outros, e aqui to na minha propriedade, to trabalhando no que é meu”. Apenas a distância do rio o faz sentir saudades da Ilha, “não posso falar que piorou, o que eu acho meio ruim é que lá toda vida nos fumo criado na beira do rio e aqui é longe do rio, né?”. (CÍCERO⁷)

Neste caso, parece haver uma coerência entre a história dos moradores da PIABA e as pesquisas realizadas por Bezerra (2007), pois ambos apontam para a conquista que o reassentamento representa para seus moradores. No entanto, a fala do Sr. Cícero é bastante reveladora da negação do cativo imposto pelo patrão. O ato de trabalhar em sua própria terra lhe possibilita liberdade. E esse sentimento de liberdade é algo fundamental para o camponês.

Em comparação com a situação de vida anterior, na área de origem, 77% dos entrevistados consideram que o remanejamento proporcionou melhor casa de moradia e melhor local, por serem atualmente proprietários do lote, já que antes trabalhavam como assalariados em fazendas da região e outros desenvolviam atividades híbridas que combinavam trabalho agropecuário, pesca e serviços para turistas. Essa opinião é consolidada pelo fato de possuir em todos os lotes rede hidráulica e elétrica, o que também não havia no antigo local de moradia destas famílias. (BEZERRA, 2007)

A principal queixa observada em relação às obrigações da CESP com os reassentados está na reforma de um barracão na antiga sede da fazenda, onde hoje é a sede de uma associação de moradores. Os moradores alegam que possuem lá um barracão que é utilizado para momentos de lazer e confraternização, mas segundo os mesmos este deveria ter passado por reformas para melhorar suas instalações. Mesmo estando com condições precárias este vem sendo utilizado. Notamos o descontentamento na análise da fala de um integrante da comunidade quando questionado se a CESP teria ou não cumprido com suas promessas.

⁶ Morador do reassentamento Piaba/MS, entrevista realizada dia 19/09/2009.

⁷ Morador do reassentamento Piaba/MS, entrevista realizada dia 19/09/2009.

Rapaz, tinha que ter muita coisa viu cara, que nem a CESP mesmo tinha prometido algumas coisas né, e não cumpriu mesmo que a gente quisesse ela não. [...]Era a reforma de um barracão que tem ali, né.[...]É, isso, pra todo mundo né, é o que a gente mais queria, no caso né, é tipo um salão de baile, pra festa, a gente usa o barracão ainda, da pra usar, só que não ta aquelas condições boas no caso, né? (JONATAS⁸)

Do restante das promessas eles se dizem satisfeitos, pois as casas foram entregues de acordo com o combinado, a assistência de dois anos foi dada pela empresa, e também a posse da terra permitindo que quem quiser negociar sua parte o fizesse.

Constatou-se que o sonho de grande parte dos reassentados é de permanecer na terra, realizando benfeitorias em seu sítio, pois suas raízes estão fortemente ligadas á produção de autoconsumo e aos laços familiares, modo de vida típico dos camponeses. Mesmo aqueles na faixa etária dos 25 a 30 anos, procuram arrumar companheira para dar continuidade na atividade desenvolvida pelos pais, como é o caso de um morador que afirmou:

Rapaz, essa perspectiva era de casar e ficar por aqui mesmo, mas se for ver assim, ali em casa não tem uma renda, é pra que eu sustente uma família, assim no caso né, aí no caso eu teria que fica por aqui, e trabalha em alguma fazenda registrado, por que eu trabalho por dia na fazenda ali, mas não tinha perspectiva de sair daqui não. JONATAS⁹

No entanto, apesar de terem conquistado a terra algumas dificuldades estão colocadas, como podemos observar na fala do Sr. Jonatas. Por exemplo, a renda é baixa, e por isso muitos tem que procurar trabalho fora de suas propriedades, vendendo sua força de trabalho para complemento do sustento familiar.

A única renda fixa para alguns é a aposentadoria, mesmo aqueles que produzem leite acabam ficando reféns dos preços pagos pela empresa compradora, fazendo com que o leite seja apenas um complemento.

Em meio às dificuldades surgem os traços de solidariedade entre os assentados, pois eles realizam uma espécie de escambo, trocando alimentos entre as famílias. Situação característica entre os camponeses, como descreve Carvalho:

Os camponeses são produtores livres de dependência pessoal direta – são “autônomos”; sua sobrevivência de homens livres lhes impõe laços de solidariedades cuja quebra ou enfraquecimento ameaçam seu modo de vida; esses laços são primários, são os de parentesco e de vizinhança que os levam a procurar se agrupar em “comunidade”; a busca de sua permanência e reprodução numa mesma terra, traduzidas como apego a terra. (2005, p. 94)

⁸ Morador do reassentamento Piaba/MS, entrevista realizada no dia 19/09/2009.

⁹ Morador do reassentamento Piaba. Entrevista realizada dia 19/09/2009.

Ouvindo a fala de um dos moradores foi possível constatar os laços de solidariedade entre eles, vejamos: “muitas vezes é assim, que nem ele mata e manda um pedaço pra nós, quando o pai mata manda um pedaço pra eles, e assim vai. É da um pedaço pra um amigo, um pedaço pra outro, e vão indo”. (JONATAS¹⁰)

Em relação à carne existe uma troca entre eles, mas com os demais gêneros alimentícios não podemos constatar o mesmo, pois o feijão, o milho, a mandioca, entre outros, são produzidos apenas para o próprio consumo da família.

A ausência de troca de produtos vindos da agricultura se justifica pela baixa produção, uma vez que esta é realizada apenas para o consumo, em áreas de baixa produtividade, num sistema tradicionalmente conhecido como roça.

As marcas do agronegócio se mostraram presentes, pois o leite é vendido para um laticínio e, ainda, os reassentados receberam propostas para arrendar suas terras com o intuito de cultivar eucaliptos; mas em conjunto resolveram não aceitar, entendendo que seria prejudicial para a sobrevivência do grupo.

Considerações Finais

Uma nova perspectiva historiográfica com a busca por paradigmas afinados com o tempo presente nos é apresentada pela história contemporânea. Nela a análise de outras fontes e métodos se torna cada vez mais importante. Importando ouvir os sujeitos para a produção de uma pesquisa de qualidade, visando à construção do saber histórico voltado para o social. Cabe observar que a sociedade em que vivemos se transforma de maneira acelerada, forçada por um sistema econômico extremamente dinâmico e excludente, que se sobrepõe aos valores culturais, e aos modos de viver das diversas comunidades. Logo, o resgate histórico destas comunidades é fundamental para evitar seu desaparecimento.

Quando analisamos a dimensão funcional-econômica do território e das novas territorialidades para os reassentados (atingidos por barragem), foi possível constatar por meio das fontes orais que de maneira geral, os ex-moradores da Ilha Comprida acreditam que a vida melhorou; devido estarem produzindo e morando em sua propriedade, situação que gera mais segurança embora não impeça às dificuldades econômicas ligadas a situação de falta de valorização da agricultura familiar camponesa no Brasil.

Ressalte-se também que mesmo possuindo infra-estrutura, as lembranças do tempo passado durante o período em que viviam na Ilha não foram apagadas, devido principalmente a distância que se encontram do rio, que por muitos anos foi fonte de alimento,

¹⁰ Morador do reassentamento Piaba. Entrevista realizada dia 19/09/2009.

lazer, e de um modo de vida próprio dos ribeirinhos, caracterizando a dimensão simbólica do território, que as novas territorialidades não apagam de suas memórias.

Contudo, entende-se que a possibilidade de reprodução do modo de vida camponês no reassentamento se tornou a principal característica desse grupo.

Referências

ALBERTI, Verena. **O lugar da história oral: o fascínio do vivido**. In: *Ouvir, Contar – Textos em História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BEZERRA, Thays Floriano & FERNANDES, Elielda M. Lopo. *Caracterização das famílias e da produção do reassentamento Piaba (MS)*. Disponível em <http://agroecologiaealternativasecologicas.blogspot.com/2008/12/alasruasociacionlatinoamericana-de.html>. Acesso em 8 jun. 2009.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. Rio, São Paulo: Perspectiva, 1978.

BURKE, Peter. (org.) **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales-1929-1989**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

CARVALHO, Horácio Martins de. **O campesinato no século XXI: possibilidades e condicionantes no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p. 182.

CASTRO, M. **A hidrelétrica de Tucuruí e a contestação das populações atingidas**. *Relatório final de pesquisa*. Departamento de Economia e Sociologia Rural ESALQ, Piracicaba – SP, 1993.

CHAUI, Marilena de S. **Os trabalhos da memória**. In: BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade – Lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.

CHAUVEAU, Agnes & TÉTART, Philippe. **Questões para o tempo presente**/Agnes; Tradução Ilka Stern Cohen. Bauru, SP: EDUSP, 1999, p. 7-50.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas** 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 2ª ed, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

LE GOOF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1990.

MAB (Movimento de Atingidos por Barragens). Disponível em: <www.mabnacional.org.br>. Acesso em 19 out. 2009.

MACHADO, C.J.S. **Olhar de um antropólogo sobre a gestão pública da água como bem econômico.** In: *Com Ciência -Rios*. Disponível em <[http:// www.comciencia.br](http://www.comciencia.br)>, fevereiro de 2005, n. 62. Acesso em 30/05/2009.

MALATIAN, Teresa. **A circularidade do discurso: perspectivas metodológicas da história oral.** In: *Fontes Históricas: abordagens e métodos*. Programa de Pós Graduação, Unesp, Assis, 1996, p.47-56 .

NEVES, Lucília de Almeida. **Memória, História e sujeito: substratos da identidade.** *História Oral*. Associação Brasileira de História Oral, n. 3, Junho de 2000.

OLIVEIRA, Paulo de Salles (org.) **Caminhos da construção da pesquisa em ciências humanas.** In: *Metodologia das Ciências Humanas*. 2 ed. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1998.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a História Oral Diferente.** Tradução: Maira T. J. Ribeiro. 1997.

PORTO – GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

SANTOS, Milton & SILVEIRA, Maria. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI.** 8º ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SANTOS, Milton. **Urbanização brasileira.** São Paulo: ed. Hucitec, 1994.